

1. Um critério positivo: a excelência.

“Sejam quais forem as características dum centro da Companhia, uma nota deve ser comum a todos: a excelência, quer dizer, a qualidade. Não me refiro, como é lógico, às suas instalações mas ao que define propriamente um centro educativo e pelo que deve ser julgado: o seu produto, os homens e mulheres que forma. Esta excelência consiste em que os nossos alunos, sendo homens e mulheres de princípios retos e bem assimilados, sejam ao mesmo tempo, homens e mulheres abertos aos sinais dos tempos, em sintonia com a cultura e os problemas do seu entorno, e homens e mulheres para os outros.”

2. O aluno que pretendemos formar

“Homens e mulheres de serviço: É o homem e a mulher para os outros, de que tantas vezes me ouviram falar. Mas aqui quero redefini-lo sob um novo aspeto. Devem ser homens e mulheres movidos por uma autêntica caridade evangélica, reina das virtudes. Temos falado tanto de fé/justiça. Mas, é da caridade que recebem a sua força a própria fé e o desejo de justiça. A justiça não logra a sua plenitude interior senão na caridade. O amor cristão implica e radicaliza as exigências da justiça ao lhe dar uma motivação e uma força interior nova. Com frequência se esquece esta ideia elementar: que a fé deve estar informada pela caridade e que a fé mostra-se nas obras nascidas da caridade; e que a justiça sem caridade não é evangélica.”

3. O aluno que pretendemos formar

“Homens e mulheres novos: a pergunta crucial é: que repercussão tem que tenhamos como finalidade da nossa educação o criar homens e mulheres novas, homens e mulheres de serviço? Porque esse é, realmente, o fim da educação que damos. Um enfoque diferente, pelo menos, enquanto dá prioridade a valores humanos de serviço e anti egoísmo. Isso tem que influenciar os nossos métodos pedagógicos, nos conteúdos formativos, mas atividades de complemento curricular. Esse desejo de testemunho e de serviço aos irmãos não se desenvolve com a emulação académica e a superioridade de qualidades pessoais em relação aos outros, mas com a aprendizagem da disponibilidade e do serviço. O nosso método educativo tem que estar pensado em função destes objetivos: formar o homem e a mulher que vê em cada pessoa um irmão. A fraternidade universal será a base da sua vida pessoal, familiar e social.”

4. O aluno que pretendemos formar

“Homens e mulheres abertos ao seu tempo e ao futuro: o aluno dos nossos colégios, no que dia a dia vamos imprimindo a nossa marca e dando forma, enquanto é mais ou menos recetivo, não é um ‘produto acabado’ que lançamos à vida. É um ser vivo, em constante movimento. Queiramo-lo ou não, seguirá toda a sua vida submetida ao jogo de forças com as que ele influencia o mundo e com as que o mundo o influencia a ele. Da resultante desse jogo de forças dependerá a capacidade de manter a sua vivência de serviço ou viva numa neutral apatia, ou seja absorvido pela indiferença ou descrença. Por isso mesmo, mais, talvez, do que a formação que lhe demos, vale mais a capacidade e a ansia de seguir formando-se que lhe saibamos incutir. Aprender é importante, mas muito mais importante, é aprender a aprender e desejar seguir a aprender.

Trata-se precisamente que a nossa educação, no plano psicológico, tenha em conta esse futuro. Que seja uma educação em função do ulterior crescimento pessoal, uma educação aberta, de iniciação de setores que continuem sendo operativos no resto da sua vida numa formação continua.

Esta formação, por tanto, tem que ter em conta o tipo de civilização na que vivemos e na qual eles estão chamados a viver o resto da sua vida.”

5. O aluno que pretendemos formar

“Homens e mulheres equilibrados: Não sei se é pedir demasiado, depois de tudo o que disse antes. Mas, no entanto, é um ideal irrenunciável: todos os valores anteriormente citados – académicos, evangélicos, de serviço, de abertura, de sensibilidade ao presente e ao futuro – não perdem nada, antes se potenciam mutuamente, quando se combinam equilibradamente. Não é ideal dos nossos colégios produzir esses pequenos monstros académicos, desumanizados e introvertidos. Nem o devoto crente, alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração. O nosso ideal está mais próximo do modelo do homem grego, na sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a quanto é humano. A tecnologia ameaça com desumanizar o ser humano. É missão dos nossos centros educativos manter a salvo o seu humanismo, sem renunciar, por isso, a servir-se da tecnologia.”